



FONTES DE CRESCIMENTO DO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DE CACAU NO ESTADO DO PARÁ NO PERÍODO DE 1980 A 2002

Gisalda Carvalho Filgueiras¹
Marcos Antônio Souza dos Santos²
Abel Ciro Minniti Igreja³

RESUMO: O artigo avalia as fontes de crescimento do Valor Bruto da Produção – VBP da cultura do cacau no Estado do Pará no período 1980-2002. O modelo empregado foi o *Shift-share* que permite decompor as taxas de crescimento nos efeitos área, rendimento e preço. Os resultados mostram que área cultivada e o rendimento da cultura evoluíram a taxas de crescimento da ordem 4,6 e 4,14% a ano no período analisado. Todavia, o efeito preço foi negativo sendo responsável pelo decréscimo do VBP do cacau ao longo do período em análise, exceção feita ao ano de 2002. Nessa perspectiva, a implementação de sistemas diversificados de produção, aos moldes dos Sistemas Agroflorestais (SAF's), tende a contribuir para minimizar os riscos associados à atividade.

1. INTRODUÇÃO

A lavoura do cacau ganhou importância econômica na Amazônia a partir do século XVII, quando deixou de ser um produto extrativista para se tornar um produto agrícola, racionalmente explorado com a implantação de áreas cultivadas, melhoramento genético e produção de mudas. Como se sabe, é a principal matéria-prima para a agroindústria de chocolate. No período colonial, tornou-se um dos principais produtos de exportação, daí sua importância como fonte geradora de divisas, pois além do chocolate encontra outros aproveitamentos, tais como: adubo, sabão, produtos de cosméticos, e ração animal (FILGUEIRAS, 2002).

Nos últimos anos, no Pará, o cacauzeiro vem adquirindo importância ecológica, econômica e política como componente em sistemas agroflorestais (SAF's) para direcionar sua expansão, principalmente quando diversos segmentos da sociedade vem exigindo um crescimento econômico sustentável na Amazônia, e, em particular neste Estado, que atualmente ocupa o 2º lugar em área plantada (1º Bahia e 3º Rondônia), com uma participação no mercado nacional próximo de 20% (dados de 2001).

Considerando que esta planta é originária da região amazônica, as condições edafoclimáticas para o seu desenvolvimento deve fomentar políticas para melhorar a performance econômica da mesma, para que a sua participação cresça no mercado interno.

Em nível de produção mundial, esta lavoura se expandiu e está sendo explorada na África, sudeste Asiático e países da América (ICCO apud ARAÚJO e CAMPOS, 1998).

Costa do Marfim, Indonésia, Gana e Nigéria são atualmente os principais produtores, ficando o Brasil na 5ª posição. Esta posição não se altera em termos de área colhida. Em 2002 a Costa do Marfim registrava a maior, com 2.200.000 hectares e o Brasil, na 5ª posição com 569.097 ha.

O Estado da Bahia representa mais de 80% da produção nacional e depois com uma importância significativa entra o Pará e Rondônia.

¹ Eng. Agr.; M. Sc. em Economia; Técnica do Banco da Amazônia. Belém/PA. E-mail: filgueirasgc@ig.com.br

² Eng. Agr.; M. sc. em Economia; Técnico do Banco da Amazônia e Professor da Universidade da Amazônia – UNAMA e do Instituto de Estudos Superiores da Amazônia – IESAM. Belém/Pa. E-mail: masantos@nautilus.com.br

³ Eng. Agr.; D. Sc.; Pesquisador do Instituto de Zootecnia de Nova Odessa/SP. E-mail: abelciro@izsp.br



Entretanto, em nível de economia regional a produção do cacau é muito importante para o Estado, porque existe uma política federal implementada pela Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira - Ceplac, que com uma Superintendência Regional (SUPOR) atende 45 municípios dos 143 atuais, com sete pólos, localizados nas mesorregiões do Pará (Metropolitana de Belém, Baixo Amazonas, Nordeste, Sudeste e Sudoeste). Dados desse Órgão dão conta da existência de 50.568,00 hectares implantados, totalizando 52 municípios e abrangendo um universo de 5.664 agricultores, cuja produção gira em torno de 32.000 toneladas de amêndoas secas (SILVA NETO, et al. apud FILGUEIRAS., 2002).

Em termos de produção nacional, um dos grandes problemas na exploração da lavoura cacau, conforme destaca Espirito Santo (2001), foi o seu predominante monocultivo, principalmente na Bahia, não tendo evoluído como outras culturas em termos de pesquisas e formação de cadeias produtivas, como por exemplo a cana-de-açúcar e a avicultura, isto é, a formação de sua agroindustrialização para agregar valores. A CEPLAC, após a década de 1980 vem investindo mais intensamente no melhoramento genético (produzindo clones resistente à vassoura-da-bruxa), após um surto desta doença ter dizimado grandes áreas no Sul da Bahia.

A situação atual do plantio no Estado do Pará, tendo como base o ano agrícola 2003, revela que o cacau plantado em terra firme em cinco municípios (Medicilândia, Uruará, Brasil Novo e Placas) atingiu uma produção de 227.154t, com preço de R\$ 305,07/t, resultando numa receita bruta de R\$ 69.297.870,78 (IBGE/GCEA/LSPA/SAGRI, dezembro/ 2003) para aquela região.

2. OBJETIVOS

O trabalho tem por objetivo geral analisar as fontes de variações no Valor Bruto da produção da cultura do cacau no Estado do Pará no período 1980-2002.

Especificamente pretende-se:

- a) analisar graficamente as variações do VBP, área, produção e preço do cacau no período de 1980 a 2002;
- b) determinar as Taxas Anuais de Crescimento (TAC) do Valor Bruto da Produção do cacau relativo às variáveis área colhida, rendimento e preço;
- c) decompor a TAC do VBP nos efeitos área, rendimento e preço.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Área de estudo e fonte de dados

O estudo abrange o Estado do Pará, que ocupa a 2^a posição de produção de cacau no *ranking* brasileiro. As principais variáveis indicativas do VBP são suas componentes principais, tais como: área colhida (em hectares); rendimento (kg/ha) e preço (R\$/kg). Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através das publicações da Produção Agrícola Municipal (PAM), no período de 1980 a 2002.

3.2 Modelo de Análise

O conhecimento do valor bruto da produção agrícola, das diversas atividades individualmente é importante para se avaliar a contribuição econômica de cada atividade em termos de geração de empregos e rendas para os municípios produtores. Nesse sentido, as análises das variáveis em termos evolutivos ao longo do tempo, podem dar indicações do que se passa em cada atividade, de modo a se planejar melhores direcionamentos políticos no fortalecimento das cadeias



produtivas que mais se destacam em termos de agregação de valores regionais. Neste estudo, optou-se pelo modelo matemático *shift-share*, cujos resultados são importantes indicadores para o planejamento dos atores envolvidos na produção da cultura do cacau.

3.2.1 O Modelo matemático “shift-share”

Como referência metodológica para a realização deste estudo, baseou-se nos seguintes autores, com destaque para: Patrick (1972), Igreja et al. (1983), Homma (1981), Santana et al. (1997) e Araújo e Campos (2001) e Filgueiras (2002).

A variação na produção de produtos agrícolas é devido a diversos fatores, além dos edafoclimáticos, como preço, demanda e são analisados entre dois períodos distintos (inicial, 1980 = 0 e final, 2002 = t).

Para o período inicial (0), o valor da produção do cacau é definida como:

$$(1) \quad V_0 = A_0 \cdot R_0 \cdot P_0$$

e no período final (t):

$$(2) \quad V_t = A_t \cdot R_t \cdot P_t$$

Definindo como variáveis:

V – Valor bruto da produção do cacau (R\$1,00);

A – Área colhida com cacau, em hectares;

R – Rendimento médio, em kg/ha;

P – Preço médio do produto pago aos produtores (R\$/kg).

A variação ocorrida somente na área no período t e permanecendo os demais componentes fixos, tem-se:

$$(3) \quad V_t^A = A_t \cdot R_0 \cdot P_0$$

Ocorrendo variações na produção devido mudanças tanto na área quanto no rendimento, permanecendo o preço constante, tem-se:

$$(4) \quad V_t^{A,R} = A_t \cdot R_t \cdot P_0$$

A variação entre os dois períodos (t) e (0) é dado por:

$$(5) \quad V_t - V_0 = (A_t \cdot R_t \cdot P_t) - (A_0 \cdot R_0 \cdot P_0)$$

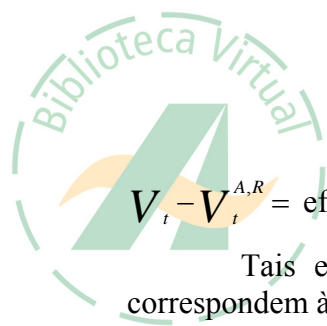
ou ainda :

$$(6) \quad V_t - V_0 = (V_t^A - V_0) + (V_t^{A,R} - V_t^A) + (V_t - V_t^{A,R})$$

Sendo $V_t - V_0$ = variação total no valor da produção;

$V_t^A - V_0$ = é o efeito-área;

$V_t^{A,R} - V_t^A$ = é o efeito-rendimento; e,



$$V_t - V_t^{A,R} = \text{efeito-preço.}$$

Tais efeitos são apresentados em taxas anuais de crescimento (TAC), que somados correspondem à variação total da produção, conforme proposto por Igreja et al (1983).

a) utiliza-se a expressão (6) e dividindo-se ambos lados por $(V_t - V_0)$, tem-se

$$(6) \quad 1 = \frac{(V_t^A - V_0)}{(V_t - V_0)} + \frac{(V_t^{A,R} - V_t^A)}{(V_t - V_0)} + \frac{(V_t - V_t^{A,R})}{(V_t - V_0)}$$

e a fórmula acima multiplica-se pela taxa de crescimento (b), como se segue:

$$(7) \quad b = \frac{(V_t^A - V_0)}{(V_t - V_0)} b + \frac{(V_t^{A,R} - V_t^A)}{(V_t - V_0)} b + \frac{(V_t - V_t^{A,R})}{(V_t - V_0)} b$$

3.2.2 Cálculo da Taxa Anual de Crescimento – TAC

As taxas anuais de crescimento foram determinadas conforme proposto por Hoffmann (1978), Santana (1995) e Costa (2000), a partir da seguinte regressão linear:

$$Z_t = A (1 + n)^t$$

Sendo que:

$$\log b = \log A + t \log(1 + n)$$

Que corresponde à

$$Y_t = a + bX + \varepsilon_t \text{ (equação linear)}$$

em que:

Y_t = é o logaritmo natural de Z_t ;

a = logaritmo natural de A ;

b = logaritmo natural da taxa geométrica de crescimento $(1+i)$. A taxa de crescimento foi calculada pela seguinte fórmula:

$i + \{\text{antlog } b\} - 1$;

$X = t$, é uma variável tendência, que para 1979 = 0, ..., 2001 = 22; e,

ε_t = é o erro aleatório, com média zero e variância constante.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Valor Bruto da Produção

A Figura 1 mostra que esta variável possui uma grande variação ao longo do período em análise, tendo como resultado as oscilações nas quantidades produzidas decorrente de variações nos preços pagos aos produtores em reais (R\$1,00/kg), atualizados pelo IGP-DI, base dezembro de 2002. Observa-se que os valores praticados a partir da 2ª metade dos anos de 1980 foram os



maiores, proporcionando ganhos aos produtores de cacau, seguindo por uma queda persistente nos anos de 1990.

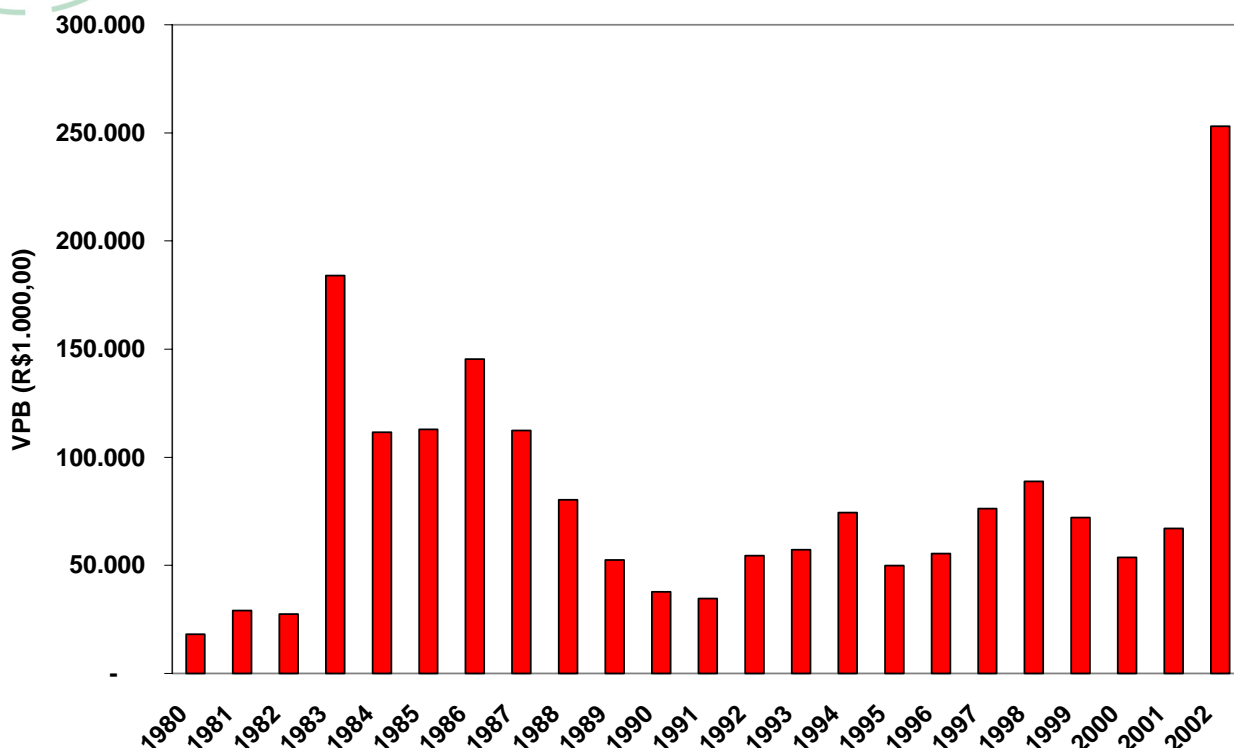


Figura 1: Valor Bruto da produção do Cacau no Estado do Pará: 1980-2002

Em 2002, novamente a produção e o preço são os mais altos de toda a série, indicando que tanto a produção como o preço tiveram uma recuperação. De fato, os preços internos do cacau vêm se recuperando deste 2001, quando superaram a marca R\$ 100 por arroba (FNP Consultoria e Comércio, 2003). É óbvio que outros fatores corroboraram para esta recuperação, como o cenário da economia externa ligada aos países produtores de cacau, como também a desvalorização cambial. Em razão disso, os responsáveis pelas políticas agrícolas devem ficar atentos para que não ocorra uma euforia para se incentivar a produção para depois o preço interno cair, mas aproveitar o momento para o agricultor se capitalizar e recuperar de forma racional o cultivo do cacau enquanto um sistema que pode ser utilizado com outras culturas (SAF's) e resulte em ganhos mais duradouros para os produtores.

Comparativamente, observa-se (Figura 2) a evolução dos preços do cacau pagos aos produtores a partir de 1994 com os preços médios praticados na bolsa de New York, registrando o mesmo movimento sincronizado entre os dois, uma vez que o preço desta *commodity* é determinada externamente. Isoladamente, os preços pagos aos produtores no Estado do Pará, para todo o período em análise, confirma-se preços mais altos pagos na 2ª metade da década de 1980 e agora sua recuperação a partir de 2001 (Figura 3).

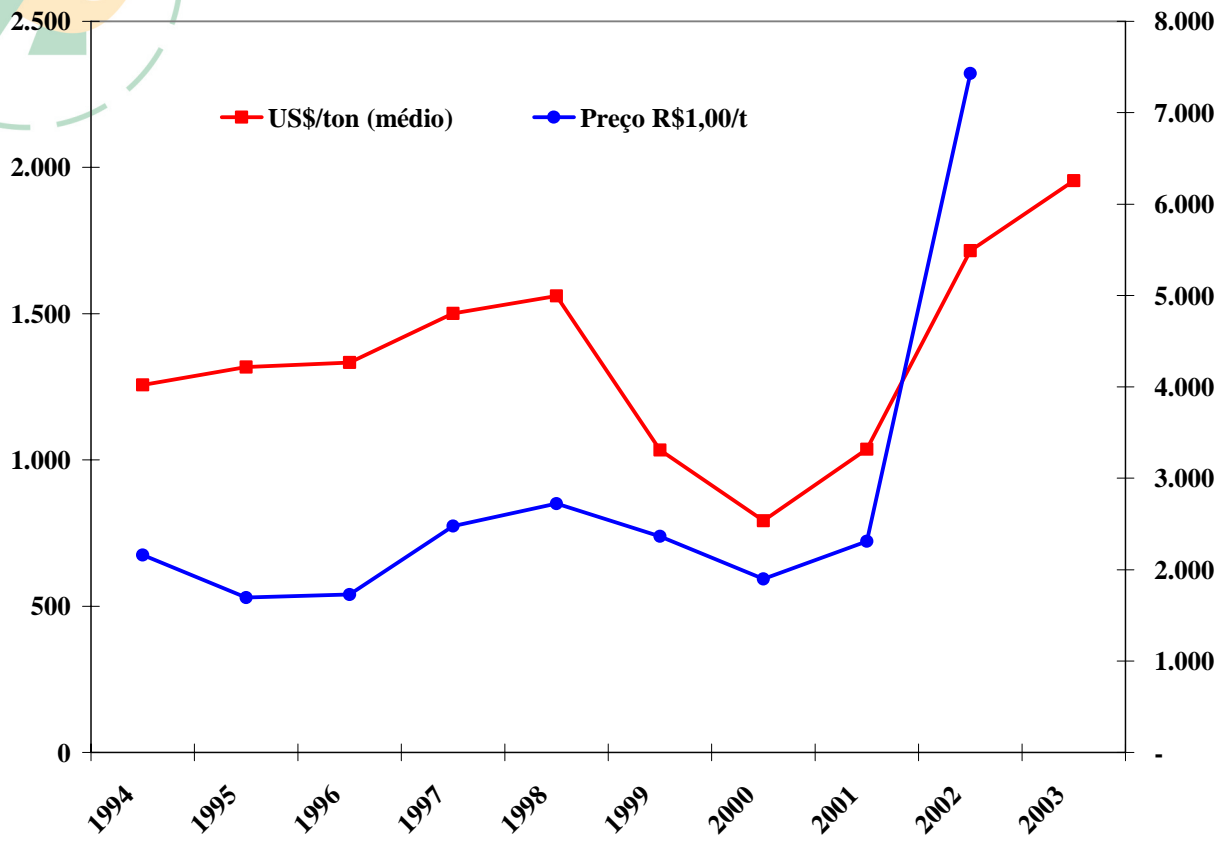


Figura 2: Preços praticados no Estado do Pará aos produtores e preço médio da bolsa de New York, ambos em toneladas

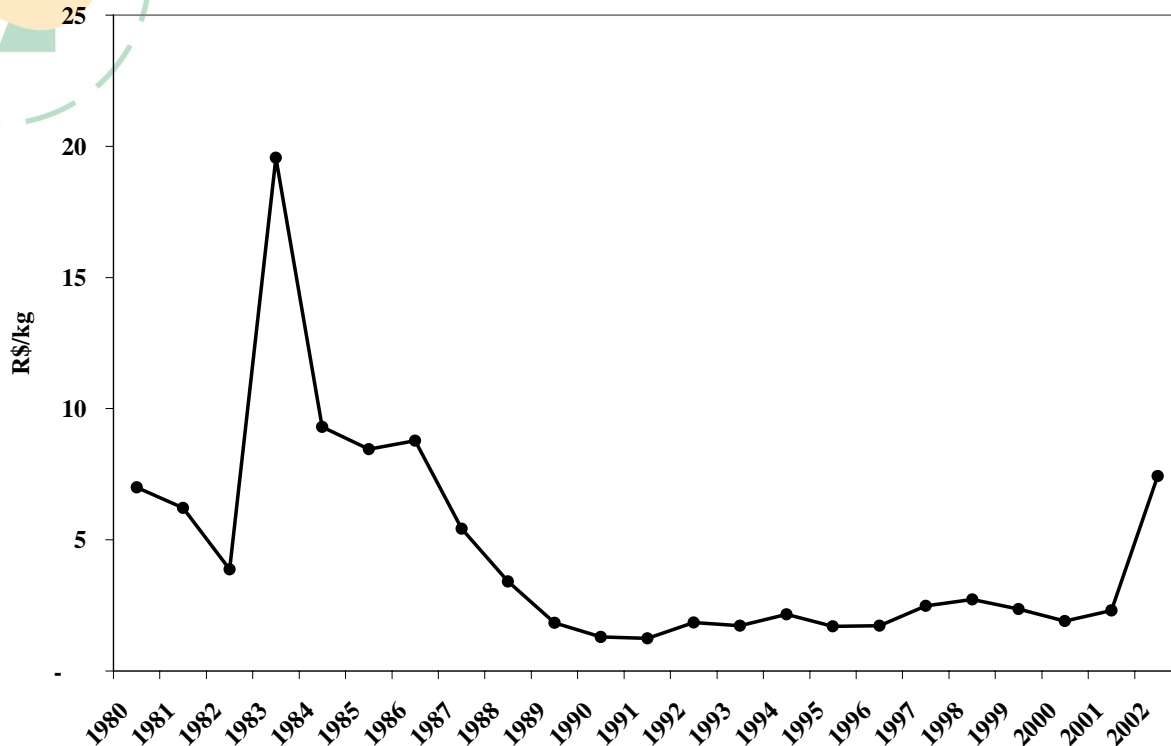


Figura 3: Preços (R\$/kg) pagos aos produtores nos últimos vinte e três anos no Estado do Pará.

Com relação às demais variáveis, área colhida e produção, constata-se uma movimentação coerente com os ditames das oscilações do preço (Figura 4), contudo, a área colhida é crescente desde os anos de 1980, mostra-se ascendente com poucos declínios (embora não tão acentuados) ao longo dos anos, bem como a produção. Este comportamento, mostra – de qualquer forma – o resultado dos esforços da CEPLAC e do Banco da Amazônia enquanto órgãos que orientam tecnicamente e financeiramente as culturas representativas em termos de agregar valor para pequenos e médios produtores da região amazônica.

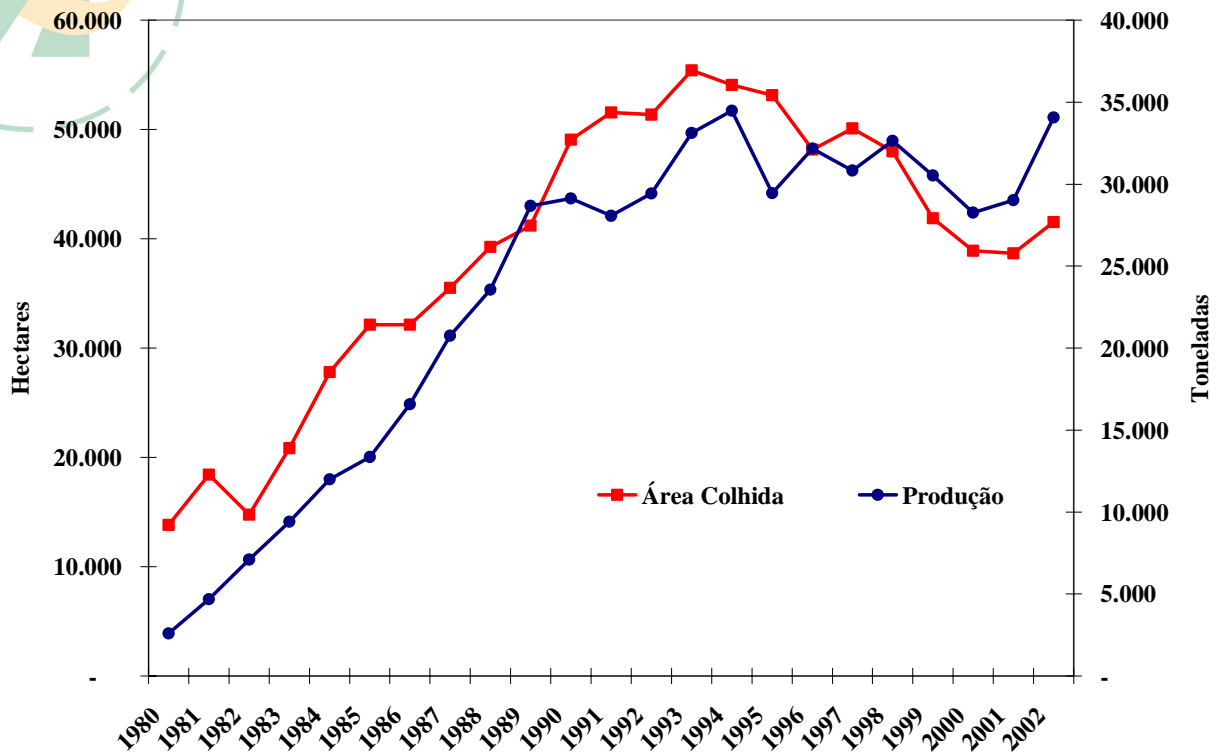


Figura 4: Área colhida (há) e produção (t) do cacau no Estado do Pará (1980-2002)

No que diz respeito à produtividade, observa-se um comportamento ascendente ao longo do período em análise, mostrando – conforme a equação linear – que existe uma produção média de 334,81kg/ha independente da estrutura do cultivo (manejo). Mais ainda, se houver o incremento de uma unidade de um dos fatores que aumentam o produtividade, como a própria mão-de-obra; um melhor trato cultural e/ou o uso de insumos, espera-se um aumento médio na produtividade de 19,99 kg/ha. Sendo assim, faz-se necessário que os órgãos de assistência técnica estejam preparados para melhor atender os produtores na condução de seus cacauzeiros, incentivando-os na adoção de tecnologia, disponibilizando clones resistentes à vassoura-de-bruxa, etc (Figura 5).

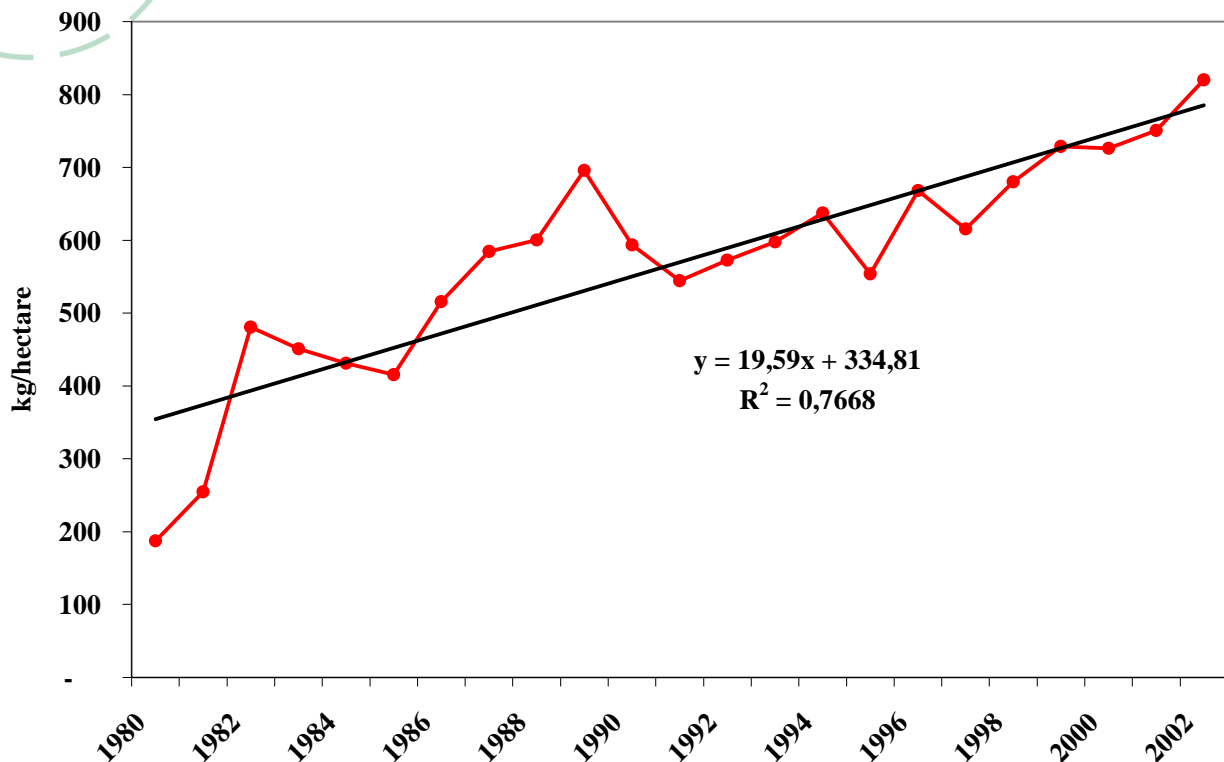


Figura 5: Produtividade do cacau (Kg/ha) no Estado do Pará (1980-2002)

4.2 Fontes de variações da lavoura de cacau

A Tabela 1 mostra a variação das fontes de crescimento do cacau para o período estudado. Da série de vinte e dois anos analisados, grosso modo, somente onze tiveram variações positivas e os dez anos restantes, todas as variações foram negativas. Destaca-se que as maiores variações tanto para mais (positivas) como para menos (negativas) foram decorrentes da variação no preço, que aparece como o principal responsável para uma performance não muito boa na exploração do cacau durante esses anos. Isto porque, o efeito área teve variação positiva em dezesseis anos, seguido pelo efeito rendimento (quatorze anos). Quer dizer, em termos de retornos, acredita-se que a exploração do cacau em consórcio com outras culturas talvez seja a alternativa para se enfrentar as variações dos preços, uma vez que o mesmo depende mais de fatores externos. Graficamente, observa-se melhor essas variações, onde o efeito área tem crescido assim como o efeito rendimento, mantendo uma estabilidade na produção de cacau, justificado pela assistência técnica da Ceplac e pelo financiamento que o Banco da Amazônia vem realizando desde 1990.

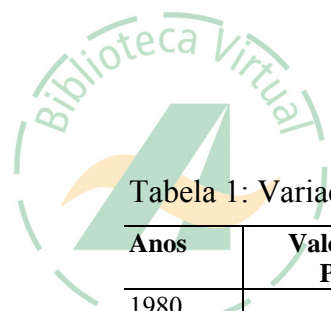


Tabela 1: Variação no Valor Bruto da Produção do Cacau no Pará, 1980 – 2002.

Anos	Valor Bruto da Produção	Efeito área	Efeito rendimento	Efeito preço
1980	-	-	-	-
1981	61,02	119,03	48,04	-106,05
1982	-5,74	-19,79	71,26	-57,21
1983	569,98	115,34	-8,83	463,47
1984	-39,41	33,33	-5,83	-66,91
1985	1,27	104,79	-4,15	-99,37
1986	28,85	0,03	24,10	4,72
1987	-22,71	99,03	14,71	-136,44
1988	-28,59	10,61	2,97	-42,17
1989	-34,61	75,58	16,74	-126,93
1990	-27,97	19,12	-17,51	-29,58
1991	-8,16	28,07	-8,73	-27,50
1992	56,74	-0,38	5,20	51,92
1993	5,12	53,80	4,69	-53,38
1994	30,15	-2,40	6,50	26,05
1995	-32,95	51,97	-12,88	-72,05
1996	11,20	-9,37	18,63	1,94
1997	37,39	46,07	-8,18	-0,49
1998	16,41	-4,19	10,05	10,54
1999	-18,79	50,53	6,26	-75,58
2000	-25,60	-7,11	-0,33	-18,16
2001	24,96	46,75	3,33	-25,11
2002	277,37	7,39	9,97	260,00

Fonte: montada a partir dos dados da pesquisa do IBGE-PAM

4.3 Decomposição das fontes de crescimento da lavoura do cacau

Em uma década, relativo ao período de 1980 a 1990, o VBP do cacau não registrou crescimento, ainda que, individualmente, as taxas de crescimento para todas as variáveis (área, rendimento e preço) foram significativas a 1% e 5% de probabilidade de erro, contudo, o efeito preço, com taxa negativa (-13,78% a.a.) suplantou os dois primeiros efeitos. Para o período subsequente (1990 a 2002), o VBP cresceu a uma TAC de 2,77% a.a., tendo como resultado o crescimento dos efeitos rendimento e preço. O mesmo acontece para o período de 1990 a 1998, o VBP cresce à uma taxa um pouco maior que o período anterior (2,94% a.a.), sendo que somente o efeito área mostra decréscimo. Nos dois últimos períodos subsequentes (1998 – 2002 e 1998 - 2002), o VBP do cacau não cresceu em termos estatísticos, sendo que no primeiro período só o efeito rendimento teve taxa positiva e significativa. Para o último período, o efeito preço, com taxa negativa (-5,98 % a.a.) fez com que os demais efeitos (área e rendimento) não interferissem muito na formação do VBP, o que de fato é esperado, porque o efeito preço é a variável mais importante para a produção de qualquer produto.

Tabela 2: Decomposição das fontes de crescimento do VBP do cacau, em taxas Anuais de Crescimento, no Estado do Pará

Período	Valor Bruto da Produção	Efeito Área	Efeito Rendimento	Efeito Preço
1980-90	10,15	13,26	10,67	-13,78
Teste t	1,05ns	10,85*	4,98*	2,46**
1990-02	9,29	-2,54	2,96	8,87
Teste t	2,77*	4,5*	6,64*	3,7*
1990-98	9,82	-0,58	1,92	8,48
Teste t	2,94**	0,86ns	2,36**	4,14*
1998-02	22,47	-3,61	4,12	21,96
Teste t	1,53ns	1,56ns	4,74*	1,24ns
1980-02	2,76	4,6	4,14	-5,98
Teste t	1,23ns	5,01*	6,25*	3,03*

Fonte: Elaboração dos autores a partir de dados do IBGE.

Nota: * e ** significativos a 1 e 5%, respectivamente. n.s não significativo.

5. CONCLUSÕES

No Estado do Pará a área cultivada com cacau tem apresentado crescimento significativo ao longo dos últimos 23 anos. Em 1980 existiam cerca de 14 mil hectares em produção e, atualmente, essa área já suplanta a casa dos 40 mil hectares com tendência de crescimento para os próximos anos. Tal expansão tem sido viabilizada a partir de um maior aporte de tecnologia e de crédito, principalmente durante a década de 1990.

Entretanto, observa-se que ao longo do período o valor bruto da produção apresentou oscilações substanciais deflagrados em função do efeito-preço que se mostrou negativo no período como um todo. Apenas no ano de 2002 é que se observou uma contribuição positiva de maior amplitude desta variável.

Os resultados apontam para a necessidade de implementar sistemas de produção mais diversificados e sustentáveis que minimizem os riscos associados à atividade o que pode ser viabilizado por meio da implantação de Sistemas Agroflorestais – SAF's.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, C. A.; CAMPOS, R. T. Análise da evolução do valo da produção de cacau no Estado da Bahia. *Agronegócio brasileiro: desafios e perspectivas*. Ed: Danilo Rolim Dias de Aguiar e José benedito Pinho – Brasília: sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural – SOBER, 1998 – 1086 p. 1 Vol.
- Bendito fruto. *Globo rural*, v.18, nr.207, Jan.2003, p 17-23
- Cacau: tempo de virada, hora de investir com critério. *AGRIANUAL* 2004. FNP Consultoria & Agroinformativos.
- Dados de preço do cacau em Nova York; produção nacional e internacional; exportações brasileiras; *AGRIANUAL* 2004. FNP Consultoria & Agroinformativos.
- Cadeias produtivas no Brasil: análise da competitividade. Editores: Rita de Cássia Milagres TEIXEIRA, ANTÔNIO RAPHAEL TEIXEIRA FILHO E MAURO RESENDE LOPES. Brasília: EMBRAPA Comunicação para Transferência de Tecnologia/EMBRAPA. Secretaria de Administração Estratégica, 2001. 469 p..
- ESPÍRITO SANTO, B. R. caminhos da agricultura brasileira. São paulo: Evoluir, 2001. P:175-179
- FILGUEIRAS, G.C. *Crescimento agrícola no Estado do Pará e a ação de políticas públicas: avaliação pelo método shift-share*. Belém – UNAMA (Dissertação do Curso de Economia, 2002, 156 p.
- HOFFMANN, R.; ENGLER, J.J.C.; SERRANO, O.; THAME, A.C.M.; NEVES, E.M. *Administração da empresa agrícola*. São Paulo: Pioneira, 1978. 325 p.
- IGREJA, A.C.M.; CARMO, M.S.; GALVÃO, C.A.; PELLEGRINI, R.M.P. Análise quantitativa do desempenho da agricultura paulista, 1966-77. *Agricultura em São Paulo*, São Paulo, v.30, p.117-158, 1983. Tomo 1 e 2.
- PINAZZA, L.A.; ALIMANDRO, R. Sobra chocolate. *Agroanalysis*. Fev, 2002.
- _____. Cacau: reviravolta no mercado. *Agroanalysis*. V.22, n.9, nov.2002 p:42-45
- PATRICK, G.F. *Desenvolvimento agrícola no Nordeste*. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1972. 319p. (Relatório de Pesquisa, 11)
- _____. Fontes de crescimento na agricultura brasileira: o setor de culturas. In: CONTADOR, PESSOA, P.F.A.P.; CARMO, I.M. Fontes de crescimento da cajucultura nordestina e a produção de divisas para o país. *R. Econ. Nordeste*, Fortaleza, v.18, n. 4, p:513-526, 1987.
- PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL 1980-2002. Rio de Janeiro: IBGE, 1979-2000. 4 v.
- SANTANA, A.C. Crescimento e estrutura da produção agrícola na Amazônia. *Boletim FCAP*, Belém, n.17, p:57-78, dez. 1988.
- _____.; SILVA, M.C.A. *Análise de mercado e ações para políticas: café*. Belém: SAGRI-FCAP, 1998. 52p.
- SOUZA, R.F. *A modernização da agricultura no Estado do Maranhão*. 2000. 60f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- YOKOYAMA, L.P.; IGREJA, A.C.M.; NEVES, E.M. Modelo “shift-share”: uma readaptação metodológica e uma aplicação para o Estado de Goiás. *Agricultura em São Paulo*, São Paulo, v. 37, 1990. Tomo 3.
- ZOCKUN, M.H.G.P. *A expansão da soja no Brasil: alguns aspectos da produção*. 1978. 228p. Dissertação (Mestrado em Economia) – USP, São Paulo.



ANEXOS

Tabela A: Dados da produção do cacau no Estado do Pará

ANO	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Preço (R\$/kg)	Valor Bruto Da Produção
1980	13.812	2.586	187,23	7,00	18.095,55
1981	18.414	4.690	254,70	6,21	29.137,97
1982	14.770	7.104	480,97	3,87	27.464,85
1983	20.856	9.404	450,90	19,57	184.009,11
1984	27.807	11.990	431,19	9,30	111.486,54
1985	32.130	13.357	415,72	8,45	112.906,47
1986	32.139	16.580	515,88	8,77	145.477,28
1987	35.490	20.747	584,59	5,42	112.441,14
1988	39.254	23.564	600,30	3,41	80.294,29
1989	41.188	28.669	696,05	1,83	52.501,33
1990	49.063	29.131	593,75	1,30	37.814,95
1991	51.566	28.075	544,45	1,24	34.729,55
1992	51.368	29.428	572,89	1,85	54.435,71
1993	55.408	33.124	597,82	1,73	57.223,34
1994	54.079	34.482	637,62	2,16	74.476,64
1995	53.143	29.445	554,07	1,70	49.932,93
1996	48.161	32.171	667,99	1,73	55.526,83
1997	50.089	30.826	615,42	2,47	76.290,78
1998	47.992	32.635	680,01	2,72	88.812,28
1999	41.887	30.527	728,79	2,36	72.125,82
2000	38.909	28.256	726,21	1,90	53.663,09
2001	38.677	29.028	750,52	2,31	67.059,92
2002	41.536	34.069	820,23	7,43	253.063,55

Fonte: IBGE-PAM

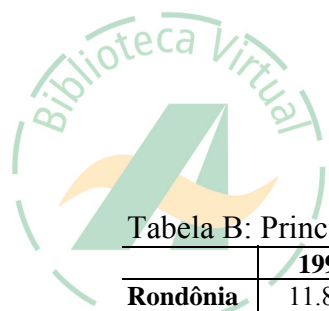


Tabela B: Principais Estados Brasileiros Produtores de Cacau - Área Colhida (ha), 1996-2003

	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003*
Rondônia	11.849	14.899	16.298	16.171	33.371	26.896	27.024	27.826
Acre	380	320	15	51	38	38		
Amazonas	1.553	1.471	2.424	2.521	2.521	2.088	2.348	2.542
Pará	48.158	50.089	47.992	41.887	38.879	38.677	40.491	41.817
Bahia	576.898	625.869	621.025	597.789	606.835	574.586	488.461	480.639
Mato Grosso	2.226	2.326	1.515	1.217	2.870	2.898	2.900	454
Minas Gerais	112	100	100	100	95	95	-	-
Espírito Santo	20.566	20.567	20.399	21.354	21.356	20.531	20.532	21.287
São Paulo	150	30	30	30	-	-	-	-
Brasil	661.923	715.671	709.798	681.120	705.965	665.809	581.756	574.565

Fonte: IBGE; * previsão feita em Junho/2003

Tabela C: Principais Estados Brasileiros Produtores de Cacau - Amêndoas (ton), 1996-2003

Estados/ Anos	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003*
Rondônia	5.065	6.369	6.896	6.848	17.293	15.780	16.248	17.542
Acre	147	118	6	78	76	76		
Amazonas	483	458	978	1.224	1.224	1.034	1.358	1.459
Pará	32.171	30.826	32.635	30.527	28.278	29.028	33.848	34.935
Bahia	204.168	225.476	234.918	159.328	137.568	126.812	110.428	110.464
Mato Grosso	493	489	754	385	1.020	1.173	1.061	203
Minas Gerais	34	37	37	37	24	37		
Espírito Santo	14.116	14.156	4.539	6.540	11.305	11.722	11.722	14.271
São Paulo	67	37	38	36				
Brasil	256.744	277.966	280.801	205.003	196.788	185.662	174.665	178.874

Fonte: IBGE; * previsão feita em Junho/2003